

Parte 1 - Construção epistemológica na interface Comunicação e Educação

Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada

Camila de Alvarenga Assis e Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, CAA. Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 55-69. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Comunicação, Educação e Cultura: possíveis inter-relações no contexto da sociedade midiaticizada¹

Camila de Alvarenga Assis e Silva
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Introdução

No cenário sociocultural contemporâneo, caracterizado pela sociedade midiaticizada e por profundas transformações proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), muitos são os debates que evidenciam como os avanços nestas áreas facilitam a troca de conhecimentos, permitem a conexão entre os indivíduos, potencializam os intercâmbios culturais e dinamizam processos de aprendizagem, como, por exemplo, o Ensino à Distância (EAD).

Para muitas instituições, como a escola, a Comunicação ainda é vislumbrada somente pela perspectiva técnica dos meios e não como uma possibilidade de olhar o mundo de maneira crítica, de forma a incentivar o empoderamento do interlocutor e reforçar o seu sentimento de pertencimento, tornando-o parte do processo de significação ao mesmo tempo em que o torna capaz de se apropriar e utilizar das técnicas e dos procedimentos inerentes ao fazer comunicacional, todos influenciados por aspectos internos e externos à indústria da informação. É neste contexto que, para Margarida Kunsch (1986, p. 6),

o debate dos caminhos cruzados entre a comunicação e a educação é um imperativo diante de uma realidade que, transformando-se rápida e profundamente, obriga o educador, não só a acompanhar de perto os passos da implantação das tecnologias da comunicação dentro da escola, mas também a entendê-la em toda sua dimensão política, econômica e social.

¹ Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação, Congresso INTERCOM, Rio de Janeiro, 2015. Texto atualizado para esta publicação.

Como pode ser observado em Kunsch (1986), a Comunicação e a Educação possuem interseções ainda pouco exploradas e, de certa forma, negligenciadas por parte das instituições, inclusive dos governos. São escassas as iniciativas que promovem políticas públicas de incentivo a um olhar crítico sobre o ambiente midiático (*media literacy*)², principalmente entre crianças e jovens em relação aos meios aos quais têm acesso e com os quais se relacionam.

O exercício do olhar crítico e a atenção às peculiaridades que envolvem o processo de produção da informação se tornam extremamente importantes para que o sujeito se posicione no mundo de forma consciente, diante de um contexto fortemente marcado pela revolução tecnológica e pela hiper circulação de informações. Nesta perspectiva, vale ressaltar que as aplicabilidades interacionais dos meios de comunicação junto a processos educativos não devem ser pensadas somente pelo viés da regularização de conteúdos – nos veículos midiáticos – que não sejam considerados educativos, principalmente para crianças e adolescentes, ou somente pelo viés da educação para a mídia.

Como bem ressaltam Siqueira e Canela (2012, p. 15), proteger o público de conteúdos inapropriados e promover a formação de leitores e produtores críticos e autônomos não é o suficiente:

a regulação da mídia não se dá somente a partir de que os conteúdos audiovisuais apresentem riscos ao desenvolvimento da população infanto-juvenil. Em outras palavras, é preciso também atentar aos benefícios auferidos da interação com a mídia.

Assim, com a intenção de levantar hipóteses sobre as possíveis inter-relações entre os campos da Comunicação, da Educação e da Cultura no contexto da sociedade midiaticizada, tomou-se como passo inicial a realização de uma revisão bibliográfica preliminar baseada em referenciais teóricos pertencentes tanto ao campo da Comunicação Social quanto ao da Educação e da Cultura.

No primeiro momento, busca-se tratar sobre como as visões transmissionistas da Comunicação e da Educação reduzem a participação do sujeito nos processos comunicacionais e de aprendizagem, ao ponto de vista da

² Termo compreendido pela perspectiva da competência midiática, que, de acordo com Sá Martino e Menezes (2012, p. 12), seria “uma competência para ação e reflexão no ambiente midiático – no caso, midiaticizado – a partir da construção de relações com seu modo de ser específico”.

recepção, polarizando a interação sujeito-objeto. Em um segundo momento, objetiva-se a problematização da midiaticização da sociedade a fim de se pensar como este contexto possivelmente promove uma superação da visão polarizada entre sujeito e objeto ao considerar a interação entre eles.

Já no terceiro momento, são trabalhados os conceitos de “ecossistema comunicativo” e “condição comunicacional contemporânea” para indicarmos um apontamento rumo a um desdobramento conceitual destas interfaces entre Comunicação, Educação e Cultura na sociedade midiaticizada. Nesta proposta, os vínculos entre Comunicação e Educação são compreendidos por um plano epistemológico no qual a relação entre estes campos se dá nas atividades dialógicas e dinâmicas entre sujeitos que interagem em um mundo de significados.

Este plano epistemológico também reflete sobre as novas redes de saberes diversos, experiências plurais dos sujeitos e suas formas de estarem no mundo decorrentes da interseção entre os processos comunicacionais, socioculturais e educativos, que enfrentam o desafio das TICs e das intercorrências da cultura midiática. Neste contexto, a Cultura será abordada como o pano de fundo onde ocorrem estas relações e que, ao mesmo tempo, passa por constantes mudanças decorrentes destas mesmas intercorrências.

I - Comunicação, Educação e Cultura: a visão polarizada das instituições tradicionalistas

Segundo Kenski (2008, p. 650), “a relação biunívoca em que se entrelaçam educação e comunicação engloba os mais diferenciados assuntos, concepções e linhas teóricas, práticas, sujeitos, tempos e processos formais e não-formais, conscientes e determinados, ou nem tanto assim”. Entretanto, no âmbito destes debates, observa-se que grande parte da discussão se refere à relação polarizada entre os sujeitos e seus objetos.

Boa parte dos debates epistemológicos sobre o estatuto da comunicação e da educação ocorrem em torno da discussão sobre a relação entre os sujeitos e seus objetos. As abordagens tradicionais em ambos os campos, trabalham com paradigmas que tomam de empréstimo perspectivas comportamentalistas de fundo funcionalista-pragmático, empiricista e matemático, que submetem tanto o processo de educação, quanto o de comunicação à ideia transmissionista. (ALVARENGA et al., 2014, p. 70).

Neste contexto, as abordagens que tratam o processo da Comunicação e o da Educação de forma pragmática e transmissionista consideram que os sujeitos são de um lado emissores/educadores e de outro receptores/educandos, sendo que entre os primeiros e os segundos existem os ruídos, que representam tudo que possa interferir no processo de codificação e decodificação/aprendizado por parte dos receptores/educandos.

De acordo com esta perspectiva, “comunicar e educar seria produzir um movimento de transferência de um polo a outro” (BRAGA, 2006, p. 157). Neste caso, os processos de Comunicação e Educação são considerados resultados de uma recepção passiva, advinda da imposição de um polo (emissor/educador) sobre outro (receptor/educando).

Apesar de criticada e desconstruída pela perspectiva interacionista e pela vertente dos estudos culturais, especialmente, a obra de Martín-Barbero, *Dos meios às mediações*, publicada em 1987, esta perspectiva funcional, pragmática e empiricista, continua viva e ainda atuante na gestão de processos educativos e comunicacionais, especialmente, nos ambientes institucionais (ALVARENGA et al., 2014, p. 3).

Neste caso, os sujeitos são postos como meros receptores e considerados ativos somente quando respondem a um estímulo. Desconsidera-se completamente o contexto no qual eles estão inseridos no momento em que ocorre o processo comunicativo ou educativo, fator já considerado por Martín-Barbero desde 1980, quando sinalizou em *Dos meios às mediações* a importância da inserção cultural do receptor como mediação fundamental entre a sociedade e a mídia de massa.

Em relação às fronteiras de interface da Comunicação com a Educação, Melo e Tosta (2008, p. 11) consideram a mídia como um sistema constituído pelos meios de comunicação “que funcionam em convergência histórica com a rede educativa, particularmente a escola, onde se concretiza a formação dos cidadãos”. Com o avanço das TICs, esta convergência é reforçada e apresenta, cada vez mais, incontáveis possibilidades de interseção entre estes campos. A tecnologia, a internet e as redes sociais ampliam as capacidades educativas e ultrapassam os muros da escola, afetando o cenário da Cultura e, também, sendo afetado pelos circuitos culturais. Na maioria das vezes, as TICs tornam-se as mediadoras das interações. “Hoje em dia, a tecnologia já não é pontual, ela nos atravessa de ponta a ponta tanto espacial como temporalmente” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 128).

Por outro lado, Martín-Barbero (2014) aponta que, principalmente na América Latina, a visão desta interação por parte dos governos é a de que a Cultura não está diretamente relacionada com o desenvolvimento tecnológico dos meios, tampouco a Educação. De acordo com ele,

os feudos políticos continuam mantendo separadas as políticas nos âmbitos da cultura e da comunicação com relação ao da educação, e nessa ausência de relações nossos países estão jogando fora sua própria visibilidade tanto social como produtiva, tanto política como cultural (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 54).

Uma vez que a importância da aproximação das políticas públicas nos âmbitos da Cultura, da Comunicação e da Educação ainda não é reconhecida, o desafio em questão pode estar na superação das visões tradicionalistas, tanto por parte dos educadores quanto dos profissionais de comunicação e das instituições que representam cada campo. Cabe a eles reforçarem este laço por meio do estabelecimento de novos olhares e da aplicabilidade de novas possibilidades que surgem a partir da interface entre os processos comunicacionais, educacionais e culturais, principalmente no contexto da sociedade midiaticizada.

II - Perspectivas interacionais entre os campos da Comunicação, Educação e Cultura sob a Ótica da Mídiação

A articulação das tecnologias da informação e da comunicação com as instituições e com as novas configurações dos modos de o sujeito ser e estar no mundo acarreta em uma certa virtualização das relações, tanto entre os indivíduos quanto entre os sujeitos e seus objetos. Esta virtualização não acontece, necessariamente, por influência direta dos dispositivos tecnológicos nos indivíduos – como somente a propagação do uso de *smartphones*, da internet e das redes sociais por si só –, mas sim, esta virtualização se apresenta como uma influência do digital e das mídias na maneira como os seres humanos se relacionam entre si e, também, como os próprios indivíduos se apropriam das tecnologias.

Afinado a este pensamento, Sodré (2002, p. 21) considera que a mídiação:

é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de

organizações empresarias e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “tecnointeração” –, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada “médium”.

De acordo com Sodré (2002), vivenciamos um *bios* midiático³. Tese segundo a qual os dispositivos sociotécnicos instauram uma ordem social do vivido que se caracteriza por um processo hipertrofiado de virtualizações. O autor acredita que, na atualidade, o relacionamento do sujeito com a realidade passa necessariamente pela tecnologia, em especial as tecnologias da informação em todos os seus modos de realização. “A forma da consciência contemporânea é fundamentalmente tecnológica” (SODRÉ, 2012, p. 13).

Se, por um lado, as abordagens tradicionais da Comunicação e da Educação submetem os processos comunicacionais e educativos a uma ideia transmissionista, relegando a participação do sujeito somente enquanto receptor ou educando, por outro lado, observa-se que, no contexto da sociedade midiaticizada, esta visão se torna ultrapassada e desarticulada com os processos interacionais e a configuração das produções simbólicas cotidianas.

Na sociedade em midiaticização, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiaticizadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social (BRAGA, 2011, p. 68).

Grande parte de nossa subjetividade e produção simbólica é permeada por esta articulação e convergência entre as tradicionais estruturas de

3 Muniz Sodré defende a hipótese de que os meios de comunicação contemporâneos estão criando outra esfera existencial, o que o filósofo Aristóteles chamava de *bios*. De acordo com ele, existiam três esferas na *pólis* grega; a esfera da política, do conhecimento e dos prazeres. Baseado em Aristóteles, Sodré imagina um quarto *bios* feito de informação, de virtualidade. A esta quarta esfera, ele dá o nome de *bios virtual* ou *bios midiático*.

comunicação de massa e a internet. O processo de midiaticização, construído no fluxo da vida cotidiana entre os meios de comunicação e nos processos de subjetivação, reconfiguram nossos modos de ser e nossa vida coletiva (JESUS, 2013). Esta reconfiguração da vida coletiva e dos modos de ser e estar no mundo proporcionados pelas afetações do processo de midiaticização, que por sua vez também são afetados pelas mudanças socioculturais, realocam produtores e receptores, bem como educadores e educandos.

De acordo com Fausto Neto (2008, p. 93), no período da sociedade dos meios — aproximadamente até o fim do século XX —, as mídias “teriam uma autonomia relativa face à existência dos demais campos”. A sociedade sofria os efeitos dos meios de comunicação de massa sem poder controlá-los. Por sua vez, na sociedade midiaticizada, “a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

Os sujeitos se relacionam e convivem em um circuito comunicacional no qual têm acesso a diferenciados estímulos de informação, mensagens e conteúdos (quer seja audiovisual, sonoro ou textual) e podem, a partir de suas apropriações de sentido, compartilhar socialmente suas interpretações, também por meios diferenciados (imagem, texto e som), de forma interativa e, até mesmo, gratuita.

É no cenário da sociedade midiaticizada, dos novos paradigmas socio-técnicos, da ambiência midiática, da presença dos nativos digitais⁴, de formas de sensibilidade e sociabilidade orientadas por outras percepções dos vínculos entre tempo e espaço, que podemos refletir sobre as formas atuais das configurações inter-relacionais entre a Comunicação, a Educação e a Cultura (CITELLI, 2010). Nesta perspectiva, devemos pensar a Comunicação não como o sinônimo de mídia ou dos meios de comunicação pura e simplesmente, mas como um campo que assume um importante papel na configuração das mediações, das interações socioculturais e na organização da sociedade. Afinal, de acordo com Sonia Livingstone (2009), citada por

4 Em seu artigo “Comunicação e educação: implicações contemporâneas”, Adilson Citelli explica que esta expressão é utilizada por Marc Prensky para designar aqueles que nasceram sob o signo da revolução informacional, telemática, sendo por ela embalados. Ao contrário, os migrantes digitais, herdeiros da sociedade industrial, têm que se adaptar aos novos paradigmas sociotécnicos. PRENSKY, Marc. Don’t bother me, mom. I’m learning. (Não me aborreça, mãe. Estou estudando). St. Paul: Minnesota: Paragon House, 2006.

Andreas Hepp (2014, p. 53), “nossa vida atual é marcada pela ‘mediação de tudo’ que age em diferentes mídias ao mesmo tempo”.

Tampouco a Educação pode ser remetida ao território institucional formal e da fala unidirecional do professor em sala de aula, mas sim considerada como um campo aberto ao diálogo, às interações e às trocas mediados. Ela já não pode mais ser concebida a partir de um modelo de comunicação escolar que não acompanhe, espacial e temporalmente, os processos de formação advindos da era da informação, uma vez que, segundo Martín-Barbero (2014, p. 121), “estamos passando de uma sociedade com sistema educativo a uma sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua, isto é, sociedade cuja dimensão educativa atravessa tudo: o trabalho e o lazer, o escritório e a casa, a saúde e a velhice”. Aprende-se em qualquer lugar e de diversas formas, não somente no espaço institucional da escola.

Para Paulo Freire (1985, p. 46), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado”. Dessa forma, o encontro da Comunicação, da Educação e da Cultura pode acontecer por meio de andamentos dialógicos (CITELLI, 2010) que desencadeiem relações intersubjetivas e formas de coenunciação em detrimento da recepção – termo concebido nas teorias informacionais – e propõem a ideia de que a comunicação se torna completa quando os campos de sentidos colocados em circulação social são apreendidos, tornando possível a constituição de fluxos de mensagens, sempre adiante, pelos agentes implicados neste processo comunicacional.

A fim de melhor compreender os meandros desta totalidade de circuitos de retroalimentação que envolvem desde o plano da produção material até os jogos enunciativos, passando pelas estratégias de composição e circulação das mensagens, no próximo tópico, serão tratados os termos ecossistema comunicativo e condição comunicacional contemporânea para, também, investigarmos um possível apontamento rumo a um desdobramento conceitual destas inter-relações entre Comunicação, Educação e Cultura na sociedade midiaticizada.

III - Ecossistema Comunicativo e Condição Comunicacional Contemporânea: possíveis desdobramentos conceituais

A interação entre sujeito e objeto nos processos de comunicação e educação, proposta como forma de superar uma visão polarizada e

transmissionista, dá-se no âmbito do dialogicidade, da mediação, da troca e da valorização da diversidade cultural. O sujeito não recebe passivamente os estímulos do emissor, e sim os ressignifica de acordo com sua vivência, repertório e subjetividade, colocando novamente em circulação social a mensagem reinterpretada.

A textura dialógica se encontra tanto na textura do símbolo como na constituição da subjetividade: o eu só se torna real na reciprocidade da Interlocação. Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim de outra palavra, da resposta de um outro (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 33).

Dessa forma, o processo de produção e circulação de sentidos se faz por meio da linguagem, que é mais do que uma forma de expressar ideias e veicular discursos e narrativas. A linguagem é “uma forma de habitar o mundo, de se fazer presente nele, de compartilhá-lo com outros homens” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 37).

É por isto que a Comunicação e a Educação não devem ser pensadas somente considerando os meios como dimensões a elas exteriores e acessórias, nem pensá-las como acionadas exclusivamente pelos meios. O desafio é concebê-las como um dos lugares da construção dos sentidos sociais. “Para além dos meios, mas não sem eles” (BACCEGA, 2008, p. 3).

Nesta perspectiva, um enquadramento conceitual que se refere ao reconhecimento da singularidade e complexidade da comunicação — por meio dos conceitos de “ecossistema comunicativo” (MARTÍN-BARBERO, 2000; 2014) e “condição comunicacional contemporânea” (OROZCO, 2014) — pode mostrar-se central para reverter a visão reducionista em relação à Comunicação e a Educação, além de proporcionar uma análise da relação entre elas.

Martín-Barbero, em concordância com Pierre Lévy (2004, p. 83), em sua obra *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* — em que o autor afirma que “o pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações” —, faz referência, tanto em sua obra *A comunicação na educação* (2014) quanto no artigo *Desafios Culturais da Comunicação à Educação* (2000), a um termo essencial para a análise da relação entre Comunicação, Educação e Cultura: o “ecossistema comunicativo”. De acordo com ele,

a primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias — desde o cartão que substitui

ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet — com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os jovens. [...] Uma segunda dinâmica, que faz parte desse novo ecossistema no qual vivemos, e que é a dinâmica da comunicação, liga-se ao âmbito dos grandes meios, ultrapassando-os, porém. Ela se concretiza com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual estamos imersos. Um ambiente de informação e de conhecimento múltiplos, não-centrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege e que tem muito claros seus dois centros: a escola e o livro (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54).

Nesta perspectiva, o livro é importante sim, mas para uma primeira alfabetização, aquela que fomenta a escrita. Contudo, ela deve ser acompanhada por uma segunda alfabetização, “relacionada às múltiplas escrituras que o audiovisual e o texto eletrônico permitem. Não se trata de pensar a substituição de uma coisa pela outra, mas a complexa articulação e imbricamento de uma coisa na outra” (ALVARENGA et al., 2014, p. 4).

É neste contexto que o ecossistema comunicativo compreende toda a complexidade das redes e saberes cada vez mais mediados por dispositivos tecnológicos e pela expressão da diversidade cultural (ALVARENGA et al., 2014), que também deve ser levada em conta de acordo com a abordagem de Barros (apud BARROS et al., 2011, p. 19):

Por resultar das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições, que por sua vez são opostos, divergentes e contraditórios, a Diversidade Cultural, promove, a partir de suas diferenças, tanto a multiplicidade cultural e intersubjetiva, como também, a partir de suas desigualdades, tensões e conflitos.

O ecossistema comunicativo é dinâmico e marca a vida nas sociedades contemporâneas, em especial a dos jovens. Ele é constituído por novos meios, linguagens e padrões de escrita, além da hegemonia da experiência audiovisual e a integração da imagem no campo da produção de conhecimentos (ALVARENGA et al., 2014). Por sua vez, o conceito de condição comunicacional contemporânea é expresso por Orozco (2014) para designar o processo em que o comunicativo assume lugar central na organização da sociedade, das interações socioculturais e das mediações.

É essa condição comunicacional que permite aos participantes dos processos comunicativos mediados por telas, desconstruir, de maneira real ou material, e não somente reinterpretar, ressignificar ou desconstruir simbolicamente, como de fato sempre foi possível, os objetos de seu intercâmbio comunicativo (OROZCO, 2014, p. 31).

Dessa forma, para o autor, sempre foi possível a reinterpretação ou desconstrução simbólica dos objetos de intercâmbio comunicativo por parte dos participantes dos processos comunicativos. Entretanto, agora, esta condição comunicacional é mediada por telas e permite a estes participantes uma desconstrução de maneira real ou material.

A configuração do ecossistema comunicativo contemporâneo, para Orozco (2014), é marcada por duas mudanças centrais: 1) o trânsito da condição de receptor/audiência para a condição de usuário/prossumidor (produtor + consumidor) – conceito próximo de coenunciador/coenunciação, abordado no tópico anterior; e 2) o processo de migração do analógico para o digital. Tais mudanças, nessas formas de produção e circulação de conhecimento, segundo Martín-Barbero (2014), são as transformações mais radicais que uma sociedade pode viver.

O descentramento do conhecimento, que faz com que ele circule por outros meios que não apenas os livros altera a nossa forma de ler a realidade; a deslocalização permite que o conhecimento possa se dar em vários outros espaços e em outras temporalidades que não apenas no espaço/tempo escolar (ALVARENGA et al., 2014, p. 5).

Assim, por meio desses conceitos, é possível relacionar as mudanças da mídia e da comunicação, por um lado, e as mudanças socioculturais e educacionais, por outro, de forma a compreender melhor como as configurações comunicativas da sociedade midiaticizada interferem nos processos inter-relacionais da Comunicação, da troca de conhecimentos, do intercâmbio cultural e, também, como estes mesmos processos interferem nas próprias configurações comunicativas da sociedade midiaticizada e fomentam as mudanças midiáticas, comunicativas, socioculturais e educativas.

IV - Considerações Finais

A forma como os processos comunicacionais e educativos são vistos e considerados pelas instituições afeta diretamente o ambiente sociocultural contemporâneo. A maneira como se constitui a sociedade, cada vez mais relacionada com os meios de comunicação, realoca o sujeito a uma posição de coenunciador dos processos comunicativos. Esta constituição da sociedade midiaticizada evidencia as potencialidades interacionais dos sujeitos com seus objetos, diversifica as mediações, amplia o campo de produção simbólica e os

formatos de aprendizagem, promovendo mais possibilidades de ressignificação e compartilhamento de conteúdos com outros sujeitos, por diversos meios, de maneira a formar uma rede de saberes diversos e experiências plurais.

Tudo que está associado a isto, e não somente os meios por onde isto acontece, é Comunicação. São, também, processos educativos e constituem a diversidade cultural. O que pode reforçar, ainda mais, os laços inter-relacionais entre a Comunicação, a Educação e a Cultura. Os conceitos de ecossistema comunicativo e condição comunicacional contemporânea abarcam muitos aspectos do que é vivenciado pelos diversos atores dos processos de Comunicação e Educação — novas sensibilidades, formas de sociabilidade, produção de sentidos e escritas.

Entretanto, se, por um lado, os sujeitos das interações comunicacionais têm acesso a uma maior quantidade de informações, aprendem por diversas plataformas, em diferentes espaços e o tempo todo; por outro, ainda são considerados meros receptores por grande parte das instituições que ainda consideram a relação sujeito-objeto de forma polarizada em detrimento de uma visão interacional. Basta ter acesso aos Planos Nacionais de Educação do Brasil para notar como a questão da Comunicação está reduzida aos seus aspectos instrumentais e acessórios à Educação, mesmo diante de uma realidade sociocultural contemporânea que vai contra esta perspectiva. Como apontado no texto, é preciso superar esta visão tradicionalista e polarizada dos processos comunicativos e educativos de forma a reconhecer, fomentar e valorizar o protagonismo do sujeito nestes processos levando em conta o contexto sociocultural no qual ele se insere. E não somente impor como regra uma configuração já estabelecida destes processos, todavia ultrapassada.

Referências

ALVARENGA, C. et al. A comunicação no Plano Nacional de Educação do Brasil: uma aproximação crítica. **Cuadernos.info**, Chile, vol. 35, p. 69-81, dezembro 2014. Disponível em: <<http://cuadernos.uc.cl/uc/index.php/CDI/article/view/cdi.35.651/pdf>>.

BACCEGA, M. A. Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção. **NP Comunicação Educativa**, VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXXI Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0134-1.pdf>>.

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.p.1-9.

BARROS, J. M. et al. Relatório de Pesquisa: **Mapeamento de Políticas para a Diversidade Cultural**: Estudo de caso de Belo Horizonte, 2011. Disponível em <<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/pesquisa/pesquisas/>>.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Constituição do campo da comunicação. **Revista Verso e Reverso** 25 (58): 62-67, janeiro-abril 2011. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

CITELLI, A. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. **Revista Comunicação & Educação**, Ano XV, n. 2, maio/ago 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44821/48453>>.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88/136>>.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, v. 1.

_____. **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisas da mediação na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**. Revista do Programa de Pós-graduação da ECA-USP. São Paulo: ECA-USP. V.8. N° 1 – jan/jul 2014. pp. 45 – 64. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/82930/85964>.

JESUS, E. de. Em torno da comunicação e da arte na contemporaneidade. In: PESSOA, F. (org). **Cyber – Arte – Cultura: a trama das redes**. Rio de Janeiro: Suzy Muniz Produções, 2013. Disponível também em: <www.academia.edu/4147070/Em_torno_da_comunicacao_e_da_arte_na_contemporaneidade>.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial p. 647-665, out. 2008.

KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática** [Intelligence technologies - The future of thought in the informatic age]. São Paulo: Editora 34, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 6, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>>

_____. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OROZCO, G. G. **Educomunicação – recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Petrópolis: Paulinas, 2014.

SÁ MARTINO, L. M.; MENEZES, J. E. de O. Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. **Líbero**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-18, jun. de 2012. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Texto-em-contexto-Media-Literacy.pdf>>.

SIQUEIRA, A. B. de; CANELA, G. Os porquês de uma política nacional de mídia- educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 13 – 21 jul/dez, 2012.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.